

POR UMA AÇÃO DESMISTIFICADORA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

ALCEU RAVANELLO FERRARI
Faculdade de Educação, UFRGS

Eis, finalmente, chegado o Dia. Dia buscado e conquistado numa caminhada de longos anos. Dia impossível ainda para a imensa maioria dos brasileiros.

Dia que, por ter sabor de chegada e de conquista, convida à celebração. Dia também de partida ou pelo menos de recomeço da caminhada profissional e, por isso mesmo, de reflexão e compromisso.

E o que temos aqui, neste momento, é um momento desse Dia tão esperado. Um momento ritual. Todos os que aqui nos encontramos, sentimo-nos no direito de comungar da alegria de vocês.

A bondade de vocês quis reservar-me uma surpresa: a de acompanhá-los, como paraninfo, como padrinho, neste momento ritual. Por essa grata surpresa, por essa distinção, o meu profundo e perene reconhecimento.

Mas não escondo que o amável convite de vocês foi motivo também de preocupação e até de ansiedade. Não me refiro à opinião que tenho de que o Sociólogo, por formação ou deformação profissional, talvez seja a pessoa menos indicada para falar num momento como este. Refiro-me a outras razões.

Em primeiro lugar, a aceitação desse convite significou para mim interromper um longo e deliberado retiro de nove anos, sem discursos, sem pronunciamentos, sem entrevistas, circunscrito às atividades de rotina do ambiente universitário e, mais que tudo, ao contato individual e em sala de aula com os alunos.

Em segundo lugar, o que dizer a vocês neste momento? "Professor, apesar de tudo, uma palavra de otimismo", sugeriu-me delicadamente uma formanda, focalizando muito bem o principal problema que tive que enfrentar. Deter-me na análise do "apesar de tudo"? Ater-me à "mensagem de otimismo"? Tentar conciliar duas coisas aparentemente irreconciliáveis?

Aceitei o convite e aqui estou. Procurarei tirar uma "mensagem de otimismo" da própria análise do "apesar de tudo". Não tenho a ilusão de

Discurso proferido por ocasião da solenidade de formatura do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizada a 20 de dezembro de 1979.

poder dizer tudo o que penso. E isto, tanto por razões de tempo, quanto de espaço político. Mas não direi nada que não pense.

Voltemos, pois, àquela dupla dimensão — de chegada e de partida, de conquista e de compromisso, de celebração e de reflexão — que este momento ritual representa neste Dia de vocês.

Vocês trabalharam duramente por esse Dia. Vocês o construíram passo a passo. Ele pertence a vocês. Por isso eu os cumprimento de todo o coração, com um abraço sincero e fraterno. E considero-me autorizado a dizer-lhes que este é também o sentimento da Direção, de todo o corpo docente e dos funcionários da Faculdade de Educação e de toda a Universidade, dos familiares, amigos e colegas de vocês, especialmente de todos os que quiserem honrá-los com a sua presença neste momento.

Mas, meus amigos e afilhados, esse Dia de vocês não pertence inteiramente a vocês. Outros, muitos outros, contribuíram para torná-lo realidade. Os familiares, em primeiro lugar e de múltiplas formas. Os amigos e colegas, com o apoio de sua amizade. A própria Universidade, apesar de suas conhecidas limitações. A Nação como um todo. Sim, a Nação, o povo brasileiro. É com dinheiro público que se mantém as universidades públicas. Dinheiro este repassado pelo Estado, mas colhido da Nação, do Povo. Colhido não só dos que pagam impostos, mas também da grande massa sub-remunerada, na forma de sub-salário. Colhido de todos aqueles que foram submetidos a longos e duros anos de arrocho salarial, construtores e, ao mesmo tempo, vítimas do tão decantado milagre brasileiro. Colhido das vítimas de um modelo político-econômico que conseguiu operar o macabro milagre de conciliar, por um longo período de tempo, coisas tão antagônicas como um crescimento econômico dos mais acelerados do mundo e um simultâneo rebaixamento, não só relativo, mas até absoluto, da renda e da qualidade de vida de grande parte da população brasileira. Essas dezenas de milhões de brasileiros anônimos também ajudaram a construir esse Dia de vocês. Por isso, esse Dia pertence também a eles, como é também deles o Dia de todos os que antes de vocês nos formamos.

Tais considerações não diminuem em nada o mérito de vocês, nem tiram o sabor de conquista que esse Dia tem. Apenas destacam a natureza social dessa conquista e apontam na direção de suas conseqüências sociais e políticas.

Com isso já entramos na análise da segunda dimensão desse Dia: a de partida ou recomeço, de compromisso e de reflexão. Esse dia, já tantas vezes mencionado, não termina hoje. Ao contrário, ele tem hoje, neste momento ritual, apenas o seu começo. Ele será o Dia do dia-a-dia profissional de vocês.

E, sendo começo ou recomeço, ele implica necessariamente numa tomada de posição, num compromisso.

Sem dúvida, um compromisso como educadores, qualquer que seja a função específica que cada um de vocês venha a desempenhar dentro do sistema de ensino.

No entanto, esta afirmação é por demais vaga. Não especifica nem o objeto nem o termo do compromisso. Importa deixar claro que este compromisso é muito mais com a Nação do que com o Estado, muito mais com o Povo do que com um regime ou governo determinado. É muito mais com a população necessitada de educação do que com o sistema educacional encarregado de reparti-la. Embora essa distinção possa parecer rebuscada, ela é importante para a justa definição e compreensão da natureza social desse compromisso, especialmente em condições de manifesto e gritante divórcio entre Estado e Nação, entre Governo e Povo.

É necessário muito senso crítico para entender a natureza desse compromisso, é necessária muita coragem para cumpri-lo e é muitas vezes doloroso arcar com as conseqüências do seu cumprimento fiel.

Contra tal compreensão e cumprimento conspira-se por todos os lados e com todos os meios, inclusive com a violência física. Sobre o uso desta, vocês mesmos conhecem inúmeros exemplos, distantes e próximos, no tempo e no espaço.

Ocupar-me-ei de outro tipo de meios, bem mais sutis, mas nem por isso menos eficazes. Refiro-me à exuberância de mitos e ideologias que circundam e impregnam o mundo da educação, à manipulação ideológica a que, de dentro e de fora, esse mesmo mundo é constantemente submetido.

Enaltece-se, por exemplo, a missão do educador, comparando-a à do sacerdote, e aponta-se para as virtudes da dedicação e da renúncia, e com isto dão-se por plenamente justificados, tanto os salários de fome com que habitualmente se remunera o magistério, quanto as cargas de sobre-trabalho, que, para além do regime contratado, são impostas sobre seus ombros.

Estigmatiza-se o analfabetismo, renova-se periodicamente a promessa de sua extinção, sucedem-se os planos para a sua definitiva e total erradicação da face do Brasil, e eis que nos defrontamos ainda com quase um terço de analfabetos e outro tanto de semi-analfabetos entre a população de 15 anos e mais. Isto, porque tais promessas e planos, mais do que atacar o mal pela raiz, dissimulam e escondem a raiz do mal — os fatores estruturais de ordem política, econômica e social, que, ou produzem o analfabetismo, ou com ele estão intimamente associados.

Alardeia-se alto e bom tom a importância da educação, apregoa-se o seu poder terapêutico e transformador e passa-se a exigir dela e dos educadores milagres que aquela e estes não podem operar ou pelo menos não podem operar sozinhos. Não faltou, por exemplo, quem quisesse resolver, via educação, o problema das altas taxas de suicídio que assolavam grande parte da Europa, de meados a fins do século passado. É significativo que o conservador Emile Durkheim, um dos pais da Sociologia da Educação, se tenha insurgido contra esta tendência de se atribuir à educação um poder que ela não tem.

Mais recentemente pretendeu-se fazer da educação a vara mágica capaz de resolver todos os problemas do sub-desenvolvimento. Os países subdesenvolvidos de um modo geral enguliram avidamente a nova pílula. Afinal, este tipo de solução não implicava em qualquer mudança na estrutura das relações econômicas, políticas e sociais, nem no plano internacional, nem no plano interno de cada país.

Outra idéia recente valeu ao seu autor uma candidatura a um Ministério, convertida depois em outro importante cargo. Atribui-se à educação, ou melhor, à falta desta e à sua desigual distribuição, o violento agravamento da concentração da renda pessoal no Brasil na década 60/70, e pretende-se realizar uma redistribuição da renda simplesmente via ampliação das oportunidades educacionais. Tudo isto, como se o modelo de distribuição dependesse do modelo econômico de produção de bens e serviços; como se fosse possível manipular a bel prazer a distribuição da educação, independentemente da maneira como são distribuídos no País os demais bens e serviços.

E — pasmem os céus! — nem faltam, neste País das Maravilhas, os que pretendam reduzir o alarmante problema da criminalidade a uma questão de educação.

Permitam-me focalizar um último aspecto dessa mistificação. Talvez o mais importante deles. A maioria das teorias educacionais radica, em última instância, numa concepção visceralmente individualista. Reduzem ao plano meramente individual os males sociais, as suas causas e soluções. Sucesso e fracasso escolar são explicados simplesmente a nível dos agentes que interferem no processo de ensino-aprendizagem. Mesmo quando se abre o leque para a inclusão dos assim chamados aspectos sociais, estes são reduzidos a meras categorias estatísticas que aglomeram indivíduos de características semelhantes, ficando descaracterizada por inteiro a sua dimensão propriamente social. Refiro-me particularmente à redução das classes sociais a meras categorias ou níveis sócio-econômicos.

Para que não pensem que esteja conspirando contra a Psicologia, vou dar um exemplo tirado da minha área — a Sociologia da Educação. Querem

construção mais bela e sedutora do que as teorias de estratificação social e de mobilidade social? A sociedade, organizada em estratos superpostos, do mais baixo ao mais alto, mas abertos e permeáveis. Os indivíduos movimentam-se para cima nessa pirâmide social. Às vezes também descem. A educação, o grande e poderoso elevador, aberto para todos os que o quiserem tomar. Sobre quem quer, quem luta. A sociedade premeia, os que fizeram por merecê-lo. Um verdadeiro exemplo de democracia! Confesso que levei tempo para perceber-me do engodo ali muito bem dissimulado. Eu mesmo o distribuí generosamente aos alunos.

Ora, essas teorias escamoteiam muito bem as contradições, as relações sociais de dominação-subordinação, existentes entre as diferentes classes sociais que formam essa bela e magestosa pirâmide e, sob a roupagem do sucesso individual, dissimulam o aspecto de cooptação que geralmente caracteriza essa ascensão individual. E, o que é mais grave ainda, essas teorias nos permitem, a cada um de nós, uma vez chegados lá em cima, olhar para baixo, lavar tranquilamente as mãos e, com a superioridade de um herói, dizer à imensa massa humana que lá ficou: "Faça cada um de vocês o mesmo".

Meus afilhados. Abordei esquematicamente alguns aspectos dessa mistificação, dessa manipulação ideológica, dessa violência simbólica, a que é submetido o mundo da educação. Esse abuso constante, de que nosso pequeno mundo é objeto, não é simplesmente fruto da ignorância e ingenuidade. Tem um sentido político bem determinado, embora nem sempre consciente, como político é o seu resultado. Serve muito bem para esconder a verdadeira natureza dos problemas. Serve para legitimar, manter e reproduzir as estruturas e as condições sociais de existência. E como as coisas não mudam (E como poderiam mudar?), volta-se a buscar na educação a explicação última do fracasso no atingimento dos objetivos, mais propalados de que desejados. E recomeça o ciclo: é preciso reformar os educadores, a escola, o sistema de ensino. Promove-se mais uma reforma educacional. Mais uma reforma para não mudar.

Sem dúvida, muita coisa tem que mudar em nós e na educação em geral. Mas muita coisa tem que mudar também e simultaneamente, senão antes, em outros setores da sociedade.

Posso, agora, concluir. A mensagem de otimismo que emerge dessa sucinta e incompleta análise do "apesar de tudo", é simples e breve.

Em primeiro lugar, senso crítico. Inclusive em relação ao que aprenderam em minhas aulas de Sociologia da Educação.

Em segundo lugar, um comprometimento com a imensa maioria dos brasileiros que nem sequer entraram no elevador educacional ou que tiveram que deixá-lo já nos primeiros andares.

Em terceiro lugar, um compromisso, não só com as necessidades educacionais, mas também com todos os demais problemas desses milhões de brasileiros sem teto, sem saúde, sem qualificação, sem trabalho certo, mal remunerados, subnutridos e até famintos, e, mais que tudo e pior que tudo, sem poder, sem voz capaz de se fazer ouvir.

Meus afilhados, amigos e colegas. A ação do educador não pode restringir-se nem à sala de aula, nem à escola, nem ao sistema de ensino. Somos educadores. Mas, antes e acima de tudo, somos cidadãos brasileiros e, como tais, o nosso compromisso é com a Nação, com os problemas do Povo, especialmente dos mais sacrificados e necessitados de tudo, não só de educação.

È esta a minha mensagem de otimismo.

Cumprimento-os mais uma vez, meus afilhados, pelo advento desse Dia. Cumprimento a todos os que participam da alegria de vocês, especialmente os familiares.

Que este Dia de vocês se assemelhe ao Dia do Senhor, que nos preparamos para celebrar mais uma vez e que foi anunciado aos humildes pastores como sendo de alegria para todo o Povo.

Tenho dito.

(Recebido para publicação em 15.05.80)

Concluiu-se esta edição
em outubro de 1980

Composição, impressão e acabamento:



Indústria Gráfica e Editora Ltda.
Rua Gen. Vitorino, 41 — Porto Alegre — RS
Fones: 21-5566 e 25-8079
Rua Monsenhor Veras, 678 — Porto Alegre — RS
Fones: 23-0523 e 23-5512